

**Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóeticos das transmasculinidades
como possibilidade para uma outra educação**

*Autobiographical, transartistic and transpoetic movements of transmasculinities as a
possibility for another education*

Thomas Cardoso Bastos Santos
Alfrancio Ferreira Dias
Universidade Federal de Sergipe (UFS)
São Cristóvão-Brasil

Resumo

Nesse artigo, divulgamos à comunidade acadêmica parte dos resultados da investigação realizada por Santos (2023), que a refletiu acerca da Transarte e Transpoesia das Transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação. A partir de um olhar às escrevivências das Transmasculinidades, procuramos refletir sobre as potencialidades da Transarte e da Transpoesia das Transmasculinidades na composição de modos outros de existência, para além da universalização das experiências Transmasculinas; procuramos identificar quais as pistas das mobilizações da Transarte e Transpoesia das Transmasculinidades para pensar outros modos do fazer currículo. Metodologicamente, evidenciamos o movimento artístico literário mobilizado por homens e trans e pessoas Transmasculinas, a Transarte Transmasculina que por vezes é silenciada e/ou não reconhecida.

Palavras-chave: Autobiografias; Educação; Transmasculinidades.

Abstract

In this article, we share with the academic community part of the results of the research carried out by Santos (2023), which reflected on the Transart and Transpoesia of Transmasculinities as a possibility for another education. From a look at the writings of Transmasculinities, we seek to reflect on the potentialities of Transart and Transpoesia of Transmasculinities in the composition of other modes of existence, beyond the universalization of Transmasculine experiences; we seek to identify the clues of the mobilizations of Transart and Transpoesia of Transmasculinities to think about other ways of making curriculum. Methodologically, we highlight the literary artistic movement mobilized by men and trans and Transmasculine people, the Transmasculine Transart that is sometimes silenced and/or unrecognized.

Keywords: Autobiographies; Education; Transmasculinities.

Introdução

A relação de disputa entre os movimentos transfeministas e os espaços acadêmicos tem gerado tensões em relação aos lugares da produção de conhecimento, levantando a questão: quais conhecimentos são reconhecidos como científicos? Esses enfrentamentos não são recentes; ao longo da história, a população trans e travesti foi posicionada em um lugar objetificado na produção intelectual brasileira (Rede de Estudos Trans-Travestis, 2023). O movimento transfeminista tem reforçado a resistência, promovendo uma produção intelectual que não mais ocupa a posição de objeto, mas assume o papel de produtora de conhecimento (Nascimento, 2021).

E de fato, esse movimento de não reconhecimento da produção intelectual das pessoas trans e travestis tem nome, violência epistêmica, de acordo com a Rede de Estudos Trans-Travestis (2023), essa violência compõe um conjunto de processos que não só invisibilizam a produção de conhecimento, como também alimentam processos de desumanização, e que acabam autorizando a violência contra corpos de pessoas trans e travestis.

Ainda de acordo com a Rede de Estudos Trans-Travestis (2023), esse apagamento violento parece ser ainda mais grave frente a uma crescente dessa produção epistemológica trans-travesti e transfeminista brasileira, que tem movimentado conhecimento em espaços formais e não formais de educação. São produções teórico-prático, que de forma interseccional e decolonial estão atentos e atentas, às especificidades de cada experiência trans, e da ancestralidade de seu movimento político-social (Rede de Estudos Trans-Travestis, 2023).

Neste sentido, busca-se trazer para o centro desse debate a produção política, artística e epistêmica de homens trans e pessoas transmasculinas, com especial ênfase nas produções autobiográficas pioneiras das transmasculinidades. De acordo com Chaves (2021), a produção autobiográfica de autoria trans no Brasil contemporâneo se manifesta como um gesto de resistência, enraivecido, indignado e revoltado contra todo o sistema de exclusão literária. Além disso, a autora argumenta que não se limita apenas à exclusão literária, mas também abrange o sistema de exclusão acadêmico e científico. Afinal, conforme Chaves (2021) questiona: “como é possível” que, desde 1982, exista uma produção literária efervescente

por homens trans, pessoas transmasculinas, travestis e mulheres trans que não apenas tensionam os fazeres literários, mas garantem, por meio de suas autorrepresentações, outros imaginários sobre suas vivências e existências? Essas produções rompem com marcas e narrativas que universalizam e exotificam as experiências e vivências trans (Chaves, 2021).

As produções autobiográficas de autoria transmasculina, ou produções que narram experiências e vivências, denominadas “escrevivências” (Evaristo, 2017), frequentemente incluem também elementos de produção ficcional. Essas obras enfrentam o risco de confrontar as cisnormatizações de gênero e sexualidade, ao mesmo tempo, em que relatam amores, dores e os obstáculos enfrentados por indivíduos transmasculinos no Brasil, transformando as palavras em luta, resistência e arte. A arte se revela um instrumento potente e presente, ecoando as vozes transmasculinas, que se manifestam, na maioria das vezes, nas autobiografias por meio da poesia.

Diante do universo plural de produções escritas das transmasculinidades, optamos por evidenciar os movimentos de escrita pioneiros das transmasculinidades e consideramos alguns pontos: ser uma produção que evidencia uma escrita de si; a obra ser escrita por pessoas dissidentes de gênero e com identificação com as masculinidades; e obras que tenham sido escritas até 2019.

Diante disso, o presente estudo constitui uma parte da dissertação intitulada “Riscos, Travessias e Escrevivências: a transarte e a transpoesia como possibilidades para uma outra educação”. Este trabalho resulta de uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e ao Grupo de Estudos e Pesquisas Queer e Outras Epistemologias Feministas (ConQuer / CNPq). Na dissertação, busca-se compreender de que maneira a produção artística das transmasculinidades pode contribuir para a construção de novos espaços educativos.

A Transarte e a Transpoesia

Esquecido poeta morto

Todos vão esquecer que um dia eu existi
nem meus vastos prantos vão sobreviver,
versos com poeira de minha razão
são lembranças de um poeta solidão.
E meu nome negro será terra ressecada
como a colheita que morreu sem dar o fruto
e na distância do azul vou ser imagem
e embaçado pelas nuvens serei um luto.

Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóéticos das transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação

Quando olhar para baixo e avistar
Homens sozinhos correndo seu penar
farei um poema que esqueceu de ser lembrado
ao homem vivo, hoje porém crucificado.
Quando na chuva puder vir a flor brotar
saiba que nela estarei a navegar
lavando a terra, desfazendo a crosta antiga
dando outra chance ao ser humano em terra lisa.
E se nos céus ver nuvens negras durante o dia
é que de tanto não ser ouvido, adormeci
é que de tanto lhe alertar antes do erro
me fiz penumbra, pois outra vez me iludi.
Mas qualquer dia, também sozinho a mim virá
Um homem cego procurando um ninho eterno
e encontrará seu leito pronto em nuvem negra
verá que a morte é o sono lento após o inferno.
E dos meus poemas empoeirados, serei luz
a todo homem que esqueceu de me lembrar,
serei figura, imagem oculta, já a reinar
nos céus sozinho, depois de tanto aqui chorar.

UM HOMEM JAMAIS MORRE, ENQUANTO
SUA EXISTÊNCIA FOR RECORDADA.

(Anderson Herzer, 1982, p. 161).

Este é um poema de Anderson Herzer, escrito na década de 80, um dos que compõem uma série de poemas escritos por este artista. Talvez, não pudesse passar pela cabeça desse grande autor, que ele jamais seria esquecido, que tamanho talento e ousadia fossem celebrados, sim, Anderson ousou assinar seu nome, sua autoria, quando muitos não o reconheciam como Anderson. Sua coragem inaugura o movimento de publicações de saberes trans, seu movimento poético inaugura o movimento transpoético e transartístico, a arte que mobiliza Herzer, faz Herzer mobilizar arte. Sendo esse um instrumento de encontro de manifestação de sua vida/existência.

A arte mobiliza os saberes trans, evidenciando-se não apenas na obra de Anderson, mas também por meio de um universo diversificado de transartistas, como Abigail Campos Leal, Raissa Éris Grimm, Fernando Lins, Zeca Carú de Paula, Geric Saul, Lino Arruda, Esteban Rodrigues, Bruno Santana, Juno Nedel, João Lucas, Linn da Quebrada, Jota Mombaça, Laerte Coutinho, Manuara Clandestina, Ventura Profana, Liniker, Nick Cruz, Lui Castanho, entre

outros. Essas pessoas trans realizam manifestações artísticas variadas, que se entendem como transarte.

A transarte configura um arranjo que articula expressões de escrita, voz e risco, refletindo sobre si, sobre vivências, resistência e memória, tanto de si quanto de outras pessoas trans. As manifestações artísticas produzidas por essas pessoas, as transartes, mobilizam potencialidades subjetivas e promovem rupturas significativas, gerando um choque entre a previsibilidade da experiência da transgeneridade e a diversidade das múltiplas experiências de vivê-la.

As transartes evocam, o lugar não só emancipação do corpo, da existência e resistência das pessoas trans, mas são também movimentos que envolvem memória, ancestralidade, (re) configuram novas/outras relações, ao chacoalhar o pensamento sobre os fazeres da arte. Vejamos, a transarte é viva e pulsante, mobiliza nas subjetividades na captura do gesto, nos oferecendo ingredientes que chocam pela extemporaneidade poética e inventiva, que por vezes emergem de suas próprias vivências.

E nesse arranjo de composições temos também as transpoesias, que estão conectadas as transartes, porém com as particularidades da literatura poética. A transpoesia transmuta através das palavras escritas um corpo estranho, as inquietudes, amor, as vivências, medos, alegrias e as potencialidades da multiplicidade das experiências trans. São poesias que não generalizam, mas reconfiguram multiplicidades do ser. O que é ser trans? As transpoesias, muito menos as transartes respondem a isso, a resposta está na ruptura, na fissura, não na resposta. A transpoesia foge do automatismo, pois as palavras lhe levam aos sentidos, todos eles, e qual o sentido? O sentido é vivo, é gesto, ouvir, tatear, saborear as palavras e só assim elas fazem sentido.

Diante disso, é importante evidenciar o movimento artístico-literário mobilizado por homens, trans e pessoas transmasculinas, denominado Transarte transmasculina, que muitas vezes é silenciado ou não reconhecido. As composições de escrita e voz que emergem desse movimento narram experiências pessoais e as vivências de outras transmasculinidades. Essas diversas maneiras de contar a si mesmo interseccionam-se com as escrituras de Conceição Evaristo (2017). Afinal, trata-se de um conhecimento produzido a partir da experiência e da autonarrativa.

A Transarte na literatura: autobiografias Transmasculinas

Amara Moira no texto “O que nos dizem as autobiografias trans?” (2018) nos convida a fazer uma análise sobre as pioneiras autobiografias trans, sobre a forma como foram lidas e o que dizem narrativas contidas nos livros. Assim, “A Queda para o Alto” (1982), de Anderson Herzer, autobiografia trans pioneira no Brasil, simboliza um marco na produção literária brasileira trans e especialmente no movimento de transmasculinidades. Esse livro surge como uma forma de denunciar violências contra menores em situação de cárcere. De acordo com o que aponta Moira (2018), a obra não trata somente disso: fica evidente nas entrelinhas e nos paratextos que Herzer expõe “o caráter compulsório da cisgeneridade, a guerra travada contra qualquer outra narrativa de gênero” (Moira, 2018, s/p). Ousaria acrescentar que Herzer rasura as lógicas dos sistemas de vida e fazer literário e, para além disso, suas escritas subvertem as expectativas das normatizações hegemônicas.

Nascido na cidade de Rolândia, estado do Paraná, no dia 10 junho de 1962, do signo de gêmeos, Anderson Herzer nos apresenta em seus escritos um pouco do universo da sua vida. Sua biografia e poesias foram documentadas em “A Queda Para o Alto”, publicado pela Editora Vozes em 1982. A obra foi lançada às vésperas do final da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Boa parte dessa obra, conta sobre sua vivência na Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), onde viveu dos 14 aos 17 anos de idade. É uma autobiografia pioneira por tratar-se de uma autoria transmasculina e por ser um relato de um ex-egresso da Febem.

Minha Vida, Meu Aplauso

Fiz de minha vida um enorme palco
Sem atores, para a peça em cartaz
Sem ninguém para aplaudir este meu pranto
Que vai pingando e uma poça no palco se faz.
Palco triste é meu mundo desabitado
Solitário me apresenta como astro
Astro que chora, ri e se curva à derrota
E derrotado muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar triste
Mas todo mundo estava cansado de ver isso
E todo mundo se esqueceu de minha estreia
Pois todo mundo tinha um outro compromisso.
Mas um dia meu palco, escuro, continuou
E muita gente curiosa veio me ver
Viram no palco um corpo já estendido

Eram meus fãs que vieram para me ver morrer.
Esta noite foi a noite em que virei astro
A multidão estava lá, atenta como eu queria.
Suspirei eterna e vitoriosamente
Pois ali o personagem nascia
E eu, ator do mundo, como minha solidão...
Morria!

(Anderson Herzer, 1982).

Há, nos versos de Anderson Herzer, um tipo de escrita que atravessa, incomoda, coloca-nos no lugar da inquietude. Esse poema nos demonstra um pouco o que foi a vida do autor: a solidão se apresenta em seu fazer poético, retratando o palco de sua vida. Anderson faz da poesia seu maior palco, onde a arte das suas palavras duras expõe realidades intragáveis, o encarceramento, a marginalização e o abandono. Além disso, seus versos nos posicionam a refletir sobre amor, existência e saudade. A literatura é um instrumento que possibilita, através das palavras, um fazer político; a comunicação pode remontar inquietações, dores, sentimentos que nos movem para dentro e para além.

Dividido em duas partes, a obra conta, no primeiro momento, com “Depoimentos”. Em prosa, o texto trata de sua vida em vinte e nove capítulos. Segundo o relato de Eduardo Suplicy no prefácio do livro, a sugestão para a construção desta parte foi da editora Rosie-Marie pois, acompanhadas de uma história, suas poesias fariam mais sentido: “Daí a ideia de transpor neste livro fases da minha vida fases de minha vida, e é lógico que me fixei na fase mais constrangedora de minha vida, minha estadia na FEBEM” (Herzer, 1982, p. 135).

O segundo momento do livro é intitulado “Poemas”, formado por quarenta e três poesias, as quais, segundo o autor, são palavras que expressam seu mundo, sua maneira de expressar sua verdade e sonhos. Anderson revela-se por meio de seus versos, “e agora seja você quem for te revelo em poesia, minha estória” (Herzer, 1982, p. 143).

A realidade da FEBEM foi extremamente assustadora para Herzer, tendo passado por constantes violências sofridas pelos menores que lá estavam, por uma estrutura precária, sem redes de acolhimento e apoio aos jovens inseridos na instituição. Segundo Herzer (1982, p. 46), “[...] relatar, apenas, não é o suficiente para que as pessoas possam sentir o quanto é constrangedora a visão de um local onde as pessoas são como objetos sem uso...depositadas”. Herzer nos apresenta, em sua obra, as opressões e assimetrias de um ambiente de encarceramento de pessoas jovens lidas socialmente como mulheres, e os

Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóéticos das transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação

reflexos de um espaço destinado a um tratamento específico a pessoas sentenciadas pela sociedade como marginais, subversivas, imorais.

A autonegação de Anderson não foi suficiente. Assinar seu livro como Anderson Herzer também não foi bastante, não apenas para aqueles e aquelas que organizaram a obra, mas para todas as pessoas que negaram a autodeclaração de Anderson. Essas pessoas insistiram em expor seu nome de registro no prefácio do livro, em reportagens e em artigos acadêmicos em diversos contextos onde a história de Anderson foi narrada. Em sua maioria, houve a exposição do nome de registro. Amara Moira (2018) descreve esse fenômeno como um processo de violência:

Para nós, esse dado é um fantasma, palavra sempre lembrada quando nos querem ferir, acuar: qual o seu nome de verdade, o nome que diz quem você é? Anderson, no caso, mas permitir que ele se chame assim pode pôr todo um sistema de nomeação em xeque. O poder de renomear-se é o poder de romper com a norma, em especial quando esse re-nome desdiz o gênero que, com base em seu genital de origem (“de origem”, pois lembremo-nos sempre das cada vez mais comuns cirurgias de redesignação sexual), lhe impuseram (Moira, 2018, s/p).

Anderson se reconhece enquanto Anderson, e não é necessário nenhum esforço para entender isso ao longo do texto, tendo sido legitimado pelos seus como Anderson ou, como ficou conhecido na FEBEM, Bigode, apelido pelo qual tinha um grande apreço.

A palavra bigode significava não somente um apelido, mas era algo carinhoso, guardado para qualquer ocasião. Eu sabia que de longe as pessoas comentavam ao meu respeito, de como eu poderia estar no meio das meninas, se eu não era simples “machão” da FEBEM. As pessoas viam claramente que em mim acontecia algo diferente (...) para mim eu era um rapaz em fase adolescente, e para alguns um caso que deveria ser tratado clinicamente. (Herzer, 1982, p.79)

Muitos foram os silenciamentos vividos por Anderson, mas, mesmo diante das tentativas, suas palavras permanecem; as sementes plantadas por suas poesias frutificam e resistem. Ao nomear-se, ao descrever suas vivências, colocou em risco as normas e os padrões de gênero, ressignificou maneiras do ser homem ao não aceitar a genitália como marcador de sua identidade.

Outro pioneiro da literatura transmasculina é João W. Nery, nome que foi inicialmente escolhido pelo autor como um pseudônimo. Ainda que em sua militância e carreira fora reconhecido com esse nome, esse não foi o nome escolhido por Nery na ocasião de mudança ilegal de seu registro (Costa, 2022).

Muito conhecido por seu pioneirismo em relação à cirurgia de redesignação sexual no Brasil, Nery representa muito além disso: ele lutou por uma maior visibilidade para os direitos das pessoas trans, especialmente das pessoas transmasculinas. Nery não só lutou por sua existência, mas por todas as pessoas transmasculinas. Uma dessas lutas resultou no Projeto de Lei João W. Nery, (PL 5.002/2013), que dispõe sobre a identidade de gênero e assegura o direito ao seu reconhecimento sem a necessidade de autorização judicial e outras exigências. Ao contar sua história, Nery abriu caminhos para que muitos outros de nós pudéssemos contar nossas vidas também. Nery seguirá sendo semente de possibilidades.

A obra de Herzer abre passagem para outras autobiografias transmasculinas. Na década de 1980, João W. Nery escreve a sua primeira autobiografia “Erro de pessoa, João ou Joana” (1984), sem atingir grandes resultados num país onde o cenário político-social vivenciava as decorrências da ditadura civil-militar. Na dedicatória do livro já se sentia a angústia daquele momento: “este livro é um grito e o dedico a todos os injustiçados (quer por motivos sociais, jurídicos, econômicos, políticos, físicos, emocionais, etc.), que lutaram ou ainda lutam por seus direitos, ‘se endurecendo, mas não perdendo a ternura jamais” (Nery, 1984). Desde então João lutou pela visibilidade do movimento das transmasculinidades no Brasil. Sendo reconhecido como um dos patronos do ativismo trans, João W. Nery chegou a publicar 3 autobiografias ao longo de sua vida (Costa, 2021).

A reedição da obra “Erro de pessoa, João ou Joana” (1984) acontece em 2011 com um novo título “Viagem solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois”. A obra, dividida agora em cinco partes, teve sua primeira parte intitulada ‘Desencontros Nery’ e conta as vivências do autor na infância e na adolescência. Designado ao gênero feminino no nascimento, Nery era o terceiro de quatro filhos, cujo pai era comandante de avião e a mãe, professora da educação básica. Teve uma infância triste e sozinha, pois não se sentia pertencente às brincadeiras e ao modo de viver de suas irmãs.

Todos me viam como uma menina. Para mim, era um menino. Havia um abismo entre como viam e como me sentia. Adorava brincadeiras consideradas de menino. Era reprovado. Gostava de me vestir como garotos, tentando rivalizar e competir com eles. Era ignorado. Tremia e me apaixonava pelas meninas, mas era impedido de me declarar (Nery, 2019, p. 36).

Mesmo não entendendo de forma colorida o que se passava, João foi crescendo e tentando negociar a sua existência. Em alguns momentos de sua adolescência, ele tentou caber nos moldes da cishetronormatividade. Nesse sentido, descreve alguns desses períodos

Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóéticos das transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação

no capítulo “Tentando ser mulher”, a partir do qual se viu incapaz de negar a identidade de gênero que lhe foi estabelecida, sendo acuado por pressão familiar e social. Foi nos amores que viveu e foi descobrindo uma fuga possível para viver a identidade que tanto desejava.

Na parte II, “Descobertas Nery” conta seus primeiros movimentos em busca da sua realização em tornar-se homem; ele gostaria de fazer a cirurgia de redesignação sexual e, então, começou suas árduas batalhas em busca de médicos, exames, laudos, atestados, avaliação psicológica e psiquiátrica a fim de que se atestasse que João poderia fazer as cirurgias.

Após custosas e cansativas batalhas, João consegue a realização das cirurgias que tanto almejou. Ele retrata isso na parte III do livro – Metamorfose. Cirurgias naquela época eram ilegais, mas João conseguiu: “Finalmente era um homem! Um homem de carne e osso, e não somente na imaginação! Restava-me ainda ser totalmente carimbado e protocolado. Agora meu corpo se moldava melhor a minha essência” (Nery, 2019, p. 226). As dificuldades não terminaram após cirurgias, pois Nery precisava recomeçar a vida e de novos documentos, novo emprego e de um novo lugar para viver.

Na última parte de sua obra, “Paternidade João”, há o relato sobre a sua experiência de viver a paternidade, sua emoção ao ver seu filho nascer. Foram momentos marcantes da infância e da adolescência daquele filho, que, para João, era a realização de um sonho. João era um pai dedicado e amoroso, que viveu a paternidade como um presente.

O livro ganhou grande visibilidade após a participação de João Nery em um programa televisivo, o que possibilitou e continua a possibilitar a abertura de caminhos pela visibilidade do movimento trans. Nesse seu ativismo, Nery também constrói importantes espaços de acolhimento, pois suas histórias de vida tornaram-se referência para outras transmasculinidades, inspirando e encorajando diversos indivíduos.

Em 2014, foi lançada a primeira edição da obra “Eu Trans: a alça da bolsa”, escrita por Jordhan Lessa, que é escritor, palestrante e mentor de diversidade e inclusão. Jô Lessa poderia ser o que quisesse; é um desses indivíduos que enfrentam o mundo. Essa característica torna-se evidente até mesmo em uma conversa rápida, pois ele é um carioca de sorriso fácil que fala o que pensa. Sua escrivência não se desvia de sua essência, abordando suas dores e amores de maneira direta e sem rodeios. Suas lutas conferem o tom à sua escrita.

Além disso, é coordenador do IBRAT no Rio de Janeiro. Como servidor público, colaborou nos projetos da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro para a inclusão das pessoas trans na administração pública, no respeito e uso do nome social, na atenção ao atendimento de saúde, empregabilidade e segurança, e na elaboração do Guia da Diversidade LGBT 201, assim como na criação do Dossiê LGBT do Instituto de Segurança Pública do estado. Jordhan Lessa (2017) relata que foi encorajado por João, um transexual, e descreve como a possibilidade daquele encontro e as palavras de João potencializaram seu reconhecimento enquanto homem trans.

Além, o livro de Jordhan Lessa expõe histórias de uma infância conturbada, na qual foi expulso de casa e internado na Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (FUNABEM). Também foi internado em um hospital psiquiátrico para “tratamento”, onde sofreu estupro corretivo e engravidou. Trata-se de uma obra repleta de (re)começos, tropeços, andanças por muitos lugares, (re)encontros e muita resiliência. Em meio a um turbilhão de atravessamentos, Lessa apresenta suas transpoesias, uma delas escrita para seu filho:

Recado de um Defunto

(morto de saudades)

Quando eu passar desta vida para outra
Deixo lembranças da minha existência terrena
De onde eu estiver guiarei teus passos
Te alegrarei nos momentos de tristeza
Te acalmarei nos momentos de raiva
Te deixarei nos momentos íntimos
E zelarei teu sono para que durmas tranquilo

Na minha passagem desta para outra
Não quero flores, nem choro;
Não quero que falem bem de mim, por que antes
ninguém falou

Quando eu passar desta para outra
Guiarei teus passos para que caminhes sozinho
Pelos caminhos do bem, da honra e da paz;
Por que nasceste de mim e serás eternamente
MEU FILHO

Rio, 21/05/1986.

(Jordhan Lessa, 2017, p. 81).

Os sentimentos expressos por Jordhan Lessa, são experimentados não apenas nas palavras destinadas a seu filho, mas ao longo de toda a sua obra, vívida, pulsante e humana.

Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóéticos das transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação

Assim como João W. Nery mencionou nas notas de seu livro, é possível compreender como o gênero funcionou como uma alça, carregando todo o peso do corpo e do gênero que Lessa nunca sentiu como seu.

Descobrir-me uma pessoa trans, um homem trans, me fez perceber que o que me fazia mal, me deixava doente e quase me levou a loucura, não foi a transexualidade, mas sim o preconceito, o desamor e os dedos apontados para mim que me acusavam e me condenavam (Lessa, 2017, p. 122-123).

As escrituras de Jordhan nos apresenta uma vida dura, na qual, em muitos momentos, precisou recomeçar. Aos 45 anos de idade encontrou reconhecimento nas palavras ditas por João Nery em uma palestra e no seu livro. Esse reconhecimento não lhe trouxe uma vida mais fácil e leve, mas trouxe a coisa que procurou por muito tempo: o pertencimento.

Stevan Queiroz é um empresário e influenciador digital que ficou famoso por seu canal no YouTube em 2015, Téhh Queiroz (apelido do autor). Alcançou sua popularidade documentando sua jornada de transição, especialmente com informações sobre sua hormonização. Atualmente tem uma loja virtual, com produtos destinados a pessoas transmasculinas. Nesses percursos de autobiografias, “A vida de um transgênero” (2018) nos apresenta um pouco da vida de Stevan Queiroz. É uma obra de fácil leitura, na qual Téhh conta sobre sua infância, adolescência e como viveu seus processos de transição de gênero.

Ao longo de sua narrativa, é possível observar como Queiroz (2018) negocia sua existência desde a infância, utilizando roupas que o faziam sentir-se mais confortável; na adolescência, por meio da decisão de cortar o cabelo e do uso de hormônios; e, durante sua trajetória de vida, por meio dos processos de desidentificação com a identidade de gênero que lhe foi atribuída ao nascer. Suas escrituras conduzem à compreensão de seus processos de descoberta, tanto de si mesmo quanto da transgeneridade.

Ao explorar novos conhecimentos sobre si, Téhh questiona as maneiras de ser homem e, à medida que adquire uma leitura social de homem cis, percebe que seus modos de agir precisam mudar para que ele possa se socializar com outros homens.

Algumas coisas fui obrigado a aprender. Cumprimentar com a mão: não sabia o quanto era chato e difícil cumprimentar da forma como os garotos faziam! Antes, dava beijo no rosto de todos e estava resolvido, agora não era mais assim. Alguns chegavam dando aperto de mão, outros aperto de mão mais curto, seguido de um tapa nas costas, outros com alguns toques de mão que nem tinha reparado que existiam. Estava um desastre com tudo isso, sempre

errava o jeito de cumprimentar. Quando ia dar aperto de mão era só um toque de mãos, quando ia abraçar era só aperto de mãos, custei a aprender. Por mim, continuaria dando beijo no rosto de todos que estava resolvido, mas infelizmente o mundo dos homens não aceitava isso (Queiroz, 2018, p. 119).

Ao longo da narrativa de Queiroz (2018) sobre suas experimentações com a leitura social de homem cis, é possível perceber os privilégios que essa leitura social proporciona. Ele relata: “Depois que a aparência ficou masculina, ainda me pegava desviando de alguns homens na rua; depois lembrava que estariam me vendo na imagem masculina e não corria mais esse risco” (Queiroz, 2018, p. 119). Com esse destaque, a intenção não é universalizar as expectativas transmasculinas em relação a um ideal estético da cismasculinidade, mas evidenciar como as estruturas da masculinidade se manifestam de maneiras distintas em diferentes corpos.

Em “Velhice Transviada: memórias e reflexões”, de João Nery (2019), mais uma vez por meio das palavras compartilham-se suas vivências; agora, na terceira idade. Seu livro narra sua velhice vivida como um corpo dissidente e, por meio de entrevistas, dá voz a outros transidosos. Essa obra é, contudo, póstuma, pois, no processo de escrita, João adoeceu. Nos escritos, não deixam de existir a sabedoria, a esperança e a coragem de um homem Trans* que plantou muitas sementes e viu o florescer de muitas delas. “As gerações futuras estão precisando de beleza, de amor, do que nos fortalece no que há de melhor no ser humano” (Nery, 2019, p. 170).

Velhice

Inimiga evidente e soturna, que não nos larga o braço nem por um segundo.

Com saltitantes choques,
minas a ingênua crença de sermos exceção (ilusória mortalidade).

Poderias caminhar comigo, lado a lado,
Mas por que teimas em mim? Na minha carne?
Por dentro dos meus ossos?

Desapegue-se-me um só instante,
para eu me atrasar na juventude!

Bruma geral que a todos cobre
Que consolo este, de serdes apenas,
O grande álibi para nossas mazelas?

Que química do horror destilas na pele criando outro rosto?
(Que rosto tínhamos, quando não sabíamos?)

Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóeticos das transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação

És cruel. Não caminhas tão lenta quanto o esquecimento.
Em riste, apontas sempre para o fim,
só por anunciares o início de qualquer transformação.
Que importa? Já não sei serei eu.
Serei outro – esse eterno desconhecido familiar...
E depois, nem mesmo sei de certeza
desse meu apego a mim, como sou!
Talvez até ter outro em mim já não importe mais.
João Nery escreveu esse poema aos 35 anos.
(Nery, 2019, p. 13-14).

Nascido na época da “juventude transviada”, João W. Nery expressa sua experiência com as palavras: “Eram os que desviam do rumo normal. [...] As dúvidas continuam na minha velhice transviada: se sou um transvelho vivendo em um novo mundo ou a releitura de um mundo velho, ou se sou um cara que reinventei meu velho mundo novo” (Nery, 2019, p. 15).

E foi assim, um transhomem que ao se reinventar, reinventou outras maneiras de ser homem, filho, pai, marido e avô nesse tempo. Foi marcado como alguém estranho, perigoso e contaminador por ser quem era, mas, mesmo diante disso, arriscou tudo que tinha, para ser quem foi.

Conclusão

Ao retomar o questionamento proposto por Amara Moira (2018) em “O que nos dizem as autobiografias trans?”, e considerando o recorte das autobiografias transmasculinas mencionadas anteriormente, surge a indagação: o que nos revelam essas narrativas? Trata-se de escrituras que narram, de forma particular, não apenas o processo de transição desses homens, mas também como gerenciam suas existências. Este é um ponto comum nas autobiografias transmasculinas, evidenciando que não há uma única forma de viver a transmasculinidade. Embora cada uma dessas histórias se desenrole em contextos temporais distintos, para existir como pessoa transmasculina em uma sociedade estruturada pela cisheteronormatividade, é necessário encontrar, nas falhas e brechas desse sistema, possibilidades de vida.

Essas obras desafiam e questionam os signos e significados associados ao “ser homem”, rejeitando a ideia de que o gênero é definido pelo genital com o qual nasceram (Moira, 2018). Elas não se conformam ao ideal de masculinidade estabelecido, mas buscam

construir outros ideais de masculinidades para si. A construção da identidade é um desafio, e mesmo que isso possa parecer inimaginável, anormal ou até mesmo uma loucura, esses homens conseguiram fazê-lo. Eles enfrentaram as normas sociais para serem quem realmente são.

Outro ponto importante a ser discutido refere-se à presença de autores e autoras trans na literatura brasileira, que têm movimentado saberes e conhecimentos, embora muitas vezes não sejam amplamente conhecidos ou reconhecidos por suas obras significativas que enriquecem o entendimento sobre as experiências trans, inclusive nas composições acadêmicas e científicas.

No texto “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, a Conceição Evaristo (2009) faz algumas reflexões sobre o ato de fazer, pensar e veicular o texto literário negro. E considerando algumas pontuações que escritora e pesquisadora traz, sobre o tensionamento da existência ou não de um corpus literário específico com uma produção escrita marcada por uma subjetividade vivenciada a partir da condição de pessoas negras na sociedade brasileira, Evaristo (2009) argumenta que não há arte universal, não há como não considerar que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa compor seu modo próprio de “produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas” (Evaristo, 2009, p. 17).

Utilizando o argumento proposto por Evaristo (2009), torna-se evidente que não é possível ignorar essas especificidades no que diz respeito à transarte e à transpoesia. Essas produções são relevantes para discussão e apresentação, pois mobilizam o direito à vida e à existência, além de promoverem o direito de criar arte. Elas provocam sentidos e rompem com a lógica de subalternização das vidas trans. Autores como Anderson Herzer, João W. Nery, Jordhan Lessa e Téhh Queiroz, entre outros, enfrentam a lógica do silenciamento ao ousar escrever seus nomes e transmutar seus sentimentos em poesias. Esses homens trans e transmasculinos escrevem em primeira pessoa, mesmo que não sejam reconhecidos por aqueles que se consideram “detentores do saber”. Eles assumem seu destemor em relação aos cânones literários.

O movimento epistemológico das transmasculinidades nasce também dessas produções. Refletir sobre as transartes e transpoesias transmasculinas e os acirramentos produzidos a partir dessas produções é também reconhecer a força epistemológica presente

Movimentos autobiográficos, transartísticos e transpóéticos das transmasculinidades como possibilidade para uma outra educação

nessas obras. Anderson, João, Jordhan e Téhh são pessoas transmasculinas pioneiras, que se autoneameiam e assinam seus nomes na história. São nomes e vozes que, por mais que a cisheteronormatividade insista em silenciar, continuam ecoando suas lutas e resistências através de uma nova geração. Essa geração (re)escreve e (re)constrói o conhecimento através das transartes e transpoesias e adentra os espaços acadêmicos para também disputar conhecimento.

Referências

CHAVES, Leocadia Aparecida. Autobiografias trans: um levante em formação. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 64, e 644. DOI: <http://doi.org/10.1590/2316-4018644>

CONNEL, Raewyn.; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. DOI: 10.1590/S0104-026X2013000100014.

COSTA, Caio Jade Puosso Cardoso Gouveia. **Marcas sobre o mundo: nomeações em** Anderson Herzer e João W. Nery. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p.134. 2022. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-27022023-190558/publico/2022_CaioJadePuossoCardosoGouveiaCosta_VCorr.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 06 fev. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

HERZER, Anderson. **A queda para o alto**. São Paulo: Editora Vozes, 1982.

LESSA, Jordhan. **Eu Trans: a alça da bolsa, relatos de um transexual**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2017.

MOIRA, Amara. Monstruoso corpo de delito: personagens transexuais na literatura brasileira. **Suplemento Pernambuco**, [S. l.], v. 10, 2018.

NASCIMENTO, Leticia. C. P. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

NERY, João. **Erro de pessoa: Joana ou João?** Rio de Janeiro: Record, 1984.

NERY, João. **Viagem Solitária: Memórias de um transexual trinta anos depois**. São Paulo: Leya, 2011.

NERY, João. Transmasculinos: invisibilidade e luta. In: GREEN, J. N; QUINALHA, R.; CAETANO, M.; FERNANDES, M. (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda. 2018. p. 393-404.

NERY, João **Velhice Transviada**: Memórias e reflexões. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

QUEIROZ, Tehh. **A vida de um transgênero**. Editora Viseu, 2018.

REDE DE ESTUDOS TRANS-TRAVESTIS. Nota de enfrentamento ao trans-epistemicídio. **Medium**, 16 mar. 2023. Disponível em: <https://medium.com/@rededeestudostranstravestis/nota-de-enfrentamento-ao-trans-epistemic%C3%ADdio-b7cedf25c20b>. Acesso em: 29 jan. 2023.

REVISTA ESTUDOS TRANSVIADES. **A construção política de corpos transviados**: redesenhando masculinidades. [S. l.], v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistaestudostransviades.wordpress.com/>. Acesso em: 3 ago. 2022.

SANTOS, Dayanna Louise Leandro dos; SANTOS, Thomas Cardoso Bastos; DIAS, Alfrancio Ferreira. Entre encruzilhadas e trincheiras: uma análise da escrevivência Transmasculina a partir do poema “Trans-parto”. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, e10896, 2022. DOI: 10.22481/praxisedu.v18i49.10896.

SANTOS, Thomas Cardoso Bastos. **Riscos, travessias e escrevivências**: a transarte e transpoesia como possibilidades para uma outra educação. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, p.113. 2023. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufsf/19199> Acesso em: 10 out. 2024.

Sobre os autores

Thomas Cardoso Bastos Santos

Mestre em Educação. Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Sergipe. Bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1577-4271> E-mail: thm.ceduc@gmail.com

Alfrancio Ferreira Dias

Doutor em Sociologia. Professor Associado do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Sergipe. Líder do ConQuer - Grupo de estudos e pesquisas queer e outras epistemologias feministas CNPq. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6740-6257> E-mail: diasalfrancio@academico.ufs.br

Recebido em: 16/10/2024

Aceito para publicação em: 19/10/2024